

O poder, sem vergonha

Em seu mais recente discurso na Câmara Alta, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) fez saber: "Esse governo é nosso". O discurso tinha duplo endereço. Um dos destinatários era o presidente do PSDB, senador Artur da Távola (RJ), que afirmara não acreditar que houvesse no Brasil maturidade política para que se consumassem alianças partidárias válidas, dando conta, entretanto, de que a existente entre PFL e PSDB funcionava. O outro destinatário era o senador Pedro Simon (RS), que criticara essa aliança, talvez do ponto de vista de antigo peemedebista, um pouco deslocado no bloco do governo, porque enquanto os tucanos são um partido encostado nele, com dissidências, os pefelistas são o partido dele, coeso, unísono, e o PMDB está partido, seccionado em muitas correntes, que se poderiam representar por vetores que desenhavam forças centrífugas acionadas por várias tendências. Tanto que, como se noticiou, sendo depois desmentido, o governador Antônio Britto estaria disposto a bandear-se das hostes peemedebistas para, o PSDB, arrastando consigo numerosos corralhões.

Nada da realidade que se desdobra ao redor escapa ao parlamentar baiano, cuja experiência é notória. "Nós do PFL não temos a hipocrisia de dizer que não queremos o poder", declarou ele, acrescentando: "Lutamos pelo poder e gostamos de exercê-lo". O povo está farto de hipocrisia e fareja muito bem as atitudes de políticos imaturos ou insinceros, que pensam poder explorá-la com vantagem. Nestes dias, quem quer o poder faz bem em não ocultar suas preferências, alto e bom som.

Importante é a adequação de fins a meios. Se se tem por objetivo a chegada ao poder, cumpre estabelecer o procedimento apto a alcançá-lo. É aí que muitos políticos falham, sobretudo por insuficiência. Ora, é forçoso convir que não é esse, no presente, o defeito do PFL, um partido que o tempo tornou unido, como pro-

vam as votações de que participa no Congresso, tomadas em bloco, sem discrepâncias. Ele está entrosado com os interesses do País, máxime com os que decorrem do esforço do governo para modernizar a Constituição;

escoimando-a de defeitos com os quais nasceu, em 1988, quando o mundo era outro e o pensamento da esquerda se marcava por atitudes reveladoras de tendências estatizantes e xenófo-

bas, hoje, mais facilmente do que há sete anos, essas tendências podem ser identificadas como retrógradas e estão sendo batidas do Congresso.

O PFL, já se disse, tem muitas semelhanças com o antigo PSD, que se distinguiu, entre 1945 e 1965, por possuir antes de tudo um infalível instinto para dar sustentação ao poder. Não deve constituir motivo de preocupação alguma para o presidente da República essa agremiação enquanto S. Exa. se dedica à tarefa espinhosa de contar os tucanos que lhe são fiéis, os que lhe faltam e os que se bicam diariamente, desavindos por questões menores.

Já que pode haver uma debandada no PMDB gaúcho, o sr. Antônio Carlos Magalhães, irônico, adiantou que o PFL está pronto a receber em suas fileiras o sr. Pedro Simon, "com grande carinho". Não é convite que possa ser desprezado sem que se pense duas vezes... E, para remate, diagnosticou no discurso do parlamentar peemedebista dúvidas provocadas pelo ciúme. "Não é ciúmes que eu sinto do PFL", respondeu o sr. Pedro Simon, proclamando em seguida: "Talvez seja inveja de sua competência".

Vai marcar época no Legislativo essa frase: "O governo é nosso", dita por um cardeal do PFL. Ela pode ferir como o ferro em brasa, mas tem o mérito de espelhar uma verdade. Ai do governo, se não fossem os pefelistas! Seja nas articulações a que se dedica o vice-presidente, seja no apoio recebido na Câmara e no Senado. O PFL está se preparando para o ano de 1996, com as eleições municipais, à espera de que assinala uma etapa decisiva em seu avanço para o poder.

O PFL se prepara para o pleito de 96 e não se acanha de dizer que deseja o poder para ele